

GUARDIÕES DE MEMÓRIAS

A força dos arquivos pessoais

Maria Catarina Chitolina Zanini *

Este breve ensaio¹ tem a pretensão de, por meio da descrição de momentos de minha pesquisa etnográfica² entre descendentes de imigrantes italianos da região central do estado do Rio Grande do Sul, salientar o quanto a identidade étnica e a construção de memórias se assentam tanto em narrativas como em objetos e lugares (especialmente as casas) dos quais os indivíduos extraem sentido e força para constantemente reatualizarem suas noções de pertencimento grupais (e pessoais também). Tais objetos e lugares são considerados sagrados pelos seus detentores, guardados e conservados como relíquias de família e, por eles, e em torno deles se reforça todo um zelo aos antepassados, ao *tempo dos antigos*³ e tudo o que deles exala. São, em termos antropológicos, portadores de *mana* (Mauss, 1974:138), e as narrativas acerca das origens, por vezes, se inspiram neles e deles extraem legitimidade e temporalidade.

A casa e seus cantos

O desejo de escrever sobre a casa como lugar de encontro etnográfico, assento identitário e fonte de

pertencimento (e não só) surgiu com base em visitas feitas a meus entrevistados e o quanto a referência a casa dos *antigos*, seus antepassados, era algo recorrente. Algumas dessas narrativas me marcaram profundamente, tamanha a força dos sentimentos a elas referidos. Para conhecer a *casa dos antigos* muitos descendentes haviam realizado viagens a outras cidades, a outros estados e mesmo para a Itália, a fim de poder estabelecer contato com o local de origem das famílias, ponto de partida das sagas migrantistas. A força evocativa desses encontros era algo que havia permitido a muitos descendentes a manifestação de sentimentos ligados ao universo das origens e possibilitado a reconstrução de suas trajetórias de pertencimento étnico e, porque não dizer, de vida também.

Um encontro etnográfico especial me foi permitido em uma visita realizada a uma senhora, descendente de imigrantes italianos, que me recebeu num antigo casarão da família, mantido como um patrimônio familiar. Foi após esse encontro que percebi o poder da casa como espaço simbólico mantenedor das memórias e das identidades pessoais e coletivas. O prédio ao qual me refiro se encontrava relativamente conservado e servia

como estadia de descanso de familiares e também, percebi eu, ao encontro consigo mesma. Era ali que a memória se aconchegava, e o passado, manifesto nas paredes, portas e cômodos, vinha dialogar com o presente. Naquele espaço, vivia-se o presente no constante ressurgir do *tempo dos antigos* que pairava nos objetos, nos cheiros, nas formas, no ruído do chão de madeira, em praticamente todos os cantos. Tudo o que ali habitava poderia ser considerado fonte de sacralidade de onde se retirava forças para prosseguir no cotidiano viver. Força essa contida nas trajetórias de vida dos antepassados, pioneiros colonizadores do lugar e exemplos de valores a serem seguidos.

Quando visitei essa senhora pela primeira vez, recebeu-me no que seria o salão de visitas da casa no passado. Enquanto falava, referindo-se ao prédio, eu, cada vez mais, recordava-me das palavras de Bachelard: da casa, ao canto, às gavetas, à concha, onde o interior e o exterior conseguem, numa dialética profunda, se tornarem palavras, sentimentos e encontro. E, no caso dessa descendente de imigrantes italianos, palavras doces, muito doces, que faziam daquele lugar algo do encontro consigo mesma, com o passado, com a juventude, com os sonhos não-concretizados, seus, do lugar, da família. Naquele momento particular, a continuidade psíquica (Bachelard, 1994:8) era uma *obra*, única e ritmada⁴. Tempo e espaço se processando enquanto narrativa. No instante, acoplava-se o tempo às coisas do lugar, suas escadas, janelas, paredes e objetos e, nesse momento sim, percebiam-se sua eficácia e realidade. Uma realidade que, somada por instantes transformava-se numa *durée*, numa obra⁵. Um tempo que, naqueles momentos, se tornava lacunar e dialético e que, na *metáfora da continuidade*, se revelava em palavras,

gestos, sentimentos, acontecimentos e em silêncios também.

Dona Speranza⁶ me narrava a história da casa, a sua história, a história de sua família, a história do lugar, casa à casa, família à família, sempre com referência ao prédio. Era dali que o mundo exterior se expandia. Conduzia-me à janela, por vezes, para mostrar-me alguma outra casa, algum outro lugar, alguma recordação a mais. A casa, enquanto imagem, reivindicava outras imagens. Quanto mais me falava sobre esta, mais eu ali encontrava a viabilidade de uma *topoanálise*⁷, em que, conforme Bachelard, “a imagem da casa se torna a topografia de nosso ser íntimo” (1996:20). Percebia, diante de mim, uma pessoa se desvelando, seus sentimentos, o aconchego que aquele lugar lhe proporcionava e a imagem dos anos que se passavam, nas palavras dela, e também no que em mim tais palavras invocavam. Afinal, eu também era uma mulher e descendente de imigrantes italianos. A casa permitia a sensação de que a existência narrada poderia formar uma circularidade possível. O passado e o presente ali se fundiam, intercruzavam-se e a história do lugar e da colonização locais só faziam sentido para ela se fossem narrados partindo dali, daquele lugar, daquelas janelas por onde se olhava o mundo. Naquele encontro espaço-temporal, mais do que um indivíduo particular, revelava-se a existência de uma mulher pertencente a uma determinada ordem de mundo. Sua história de vida, que poderia ser a história de vida das mulheres descendentes de italianos, que possuíam um determinado capital financeiro e cultural, se fixava nas memórias possibilitadas pelo lugar. E, com que gosto, posso dizer, todos os cantos ali possuíam uma pequena história a ser partilhada. Enfim, havia ali espaço para uma determinada

vivência do sagrado e onde objetos, para ela muito valiosos, eram guardados. Ela é o que denomino de guardiã de memórias familiares, ou seja, aquela pessoa que, no interior das famílias ou dos grupos, é legitimada como detentora do passado e das memórias coletivas porque as cultiva com zelo. Inúmeros eram os objetos guardados ali e que me foram mostrados: móveis, documentos, utensílios de cozinha, fotografias. Coisas que, segundo ela, tinham que estar naquele espaço, pois aquele era o seu lugar.

Para Bachelard, só habita com intensidade aquele que soube se encolher, ou seja, transformar a casa num universo, numa concha onde se pode efetuar a ligação entre o cheio e o vazio. E, ali estava uma habitante de uma casa que simbolizava uma trajetória individual e, ao mesmo tempo, coletiva, porque invocadora de muitos outros personagens e narrativas. Uma casa de recordações onde ainda se percebia, imaginariamente, o movimento dos visitantes, o cheiro da comida, o burburinho de uma rua que existiu há muito, muito tempo. Ali havia raízes, um espaço vital, uma fonte de pertencimento, de referência, que iam muito além da própria experiência de vida de Dona Speranza. Naquele instante e naquele espaço, mesclavam-se narrativas antigas ouvidas de outros, com outros, uma história compartilhada, desejosa de ser perpetuada. Era a sua história mesclada com a história dos antepassados, suas labutas, suas alegrias e tristezas.

A casa viabiliza uma certa noção de estabilidade, de segurança e de refúgio e os objetos que nela habitam também (Bachelard, 1996:36). É ela que abriga o devaneio e que protege o sonhador para que este possa sonhar em paz (ibidem:26). E é no devaneio que o homem encontra os valores que

o marcam em profundidade⁸. É ele também que liga os pensamentos, as lembranças e os sonhos, e a casa é a força de integração que isso permite. Para Bachelard, é ela que mantém o homem através do céu e das tempestades da vida, ela é corpo e alma, um grande berço no qual o homem é colocado antes de ser jogado no mundo (Bachelard, 1996:26). Portanto, o canto do devaneio, onde as imagens podem ser produzidas é que estabelece o calendário de nossa vida, ou seja, é o espaço que permite as *dialéticas da duração*, pois o inconsciente permaneceria nestes locais (ibidem:29). Além disso, toda memória precisa ser reimaginada (ibidem:181)⁹, e eu estava presenciando esse momento único, no espaço da casa e das narrativas que o encontro etnográfico permitia. Naquele instante, o repouso era uma *vibração feliz* (Bachelard, 1994:9) que se permitia existir através do lugar. Quase um século de história estava sendo traduzido ali, através do olhar de uma mulher pertencente a uma determinada classe social, portadora de um determinado estilo de vida e que me narrava com um gosto único sua existência pessoal.

A força simbólica da *casa dos antigos* foi por mim observada em várias entrevistas realizadas. Aquela casa, que permanecia nas memórias, não era algo que necessitasse estar materialmente referenciado, era antes um ponto de referência de uma trajetória, de uma linha de origem. As descrições dos encontros entre os descendentes e estas foi algo fundamental para minha pesquisa, pois pude observar o quanto a etnicidade é uma construção que tem por base afetividades construídas sobre noções espaço-temporais. Observei que, aliada à construção de uma determinada visão de mundo e de um *ethos* específico, a pesquisa das origens permite um olhar

na intimidade de seres humanos marcados por culturas específicas assentadas em lugares específicos. Quanto à intimidade, diz Bachelard que, mais urgente que a determinação das datas biográficas é a localização nos espaços desta (1996:29). Essa intimidade, que sai do outro, se torna palavra, imagem presente e passada e se confunde com a nossa própria história que torna o encontro etnográfico um momento único em que pesquisador e pesquisado refazem-se igualmente: um, por meio da narrativa, ato conjugado, outro, pelo ouvir, na partilha. Enquanto ouvia, eram invocadas dentro de mim as reflexões de Bachelard, e as imagens refletidas percorriam minha memória e ressoavam, como se estivesse a ouvir do filósofo: “imaginar será sempre maior que viver” (1996:100). E ali, naquela sala-de-estar, com aqueles móveis, fotos e fatos antigos, imaginávamos juntas: Dona Speranza, por meio de suas lembranças e eu, de minhas leituras históricas e da colonização italiana locais. Posso dizer que experimentei, como em poucas ocasiões de minha vida profissional, o verdadeiro “encontro etnográfico”. Esse encontro, possibilitado pela experiência do ouvir e ver, caras ao antropólogo, fazia de mim uma interlocutora que invocava presenças, sentimentos que se iam desvelando na narrativa. Narrativa essa que foi possível, contudo, somente ali, na casa, no lugar do descanso. Qual o mundo ali refletido? Era o mundo temporal, circularmente inter cruzado com a narratividade¹⁰. Naquele instante, Dona Speranza era autora, narradora e personagem.

Que memória era essa? Era a memória rítmica, na qual o tempo possuía uma espessura, na qual tempos independentes se superpunham, um tempo lacunar e dialético, diria Bachelard, em que a continuidade nada

mais era do que uma metáfora. Ali era o tempo e o espaço do devaneio, daquela melodia espiritual em que os incidentes se encontram paradoxalmente “livres e fundidos” (1994:104). No instante da infância sempre possível, “abrindo sempre diante de nossos olhos um porvir indefinido” (ibidem:134), uma ritmanálise. Esse fio do tempo, cheio de nós, evocando uma realidade. E que realidade era essa? Uma realidade das possibilidades, mais do que de fatos históricos cronologicamente alinhados. Uma realidade na qual as imagens do passado conduziam a uma constante releitura do presente. O passado era relido através do presente e o presente avaliado conforme o passado, fazendo do tempo uma construção que tinha como eixo o espaço da casa, ali, onde o ser se entregava ao encontro consigo mesmo.

Entre seres e objetos o passado se sacraliza

Foi um verão especialmente quente em Santa Maria aquele do ano de 2001. E somente quem conhece os verões da região central do estado do Rio Grande do Sul pode ter a exata noção das sensações, paisagens e estados humanos que tal estado de temperatura provoca. O calor fazia as horas seguirem-se custosamente, talvez por isso, relembrar o passado tenha se tornado algo ainda mais prazeroso, tanto para mim como para alguns descendentes de italianos entrevistados naquele período. Foram manhãs e tardes de muito aprendizado aquelas que passei envolvida com narrativas familiares e conhecendo objetos do tempo dos antigos. Tempo esse que não é cronologicamente marcado, é antes uma divisão simbólica entre mundos, daquilo que reside nas gerações anteriores e do que se encontra

modificado ou “diferente” nas atuais. Esse tempo é também uma dimensão espacial, na medida em que marca as diferentes construções que se faz acerca de si mesmo entre trajetórias, do passado ao presente.

Eu estava realizando entrevistas para minha pesquisa e, cada vez mais, era introduzida nos domínios domésticos de famílias e assim passei longo tempo convivendo com pessoas que me ensinaram, cada uma através de suas lentes próprias, o que significava, em suas vidas, reportar-se como descendente de italiano. Nessas lentes estavam implícitas condições de classe, *status*, gênero, religião e tantos outros elementos que tornavam a pesquisa e o convívio algo muito gratificante. Se eu estava pesquisando quem eram os descendentes de italianos locais, posso dizer que tais homens e mulheres com os quais convivi também estavam descobrindo a si próprios. E, como eu também era descendente, posso dizer que algo de mim também estava ressurgindo por meio da constante estada entre descendentes, de histórias contadas com um tom familiar que me faziam desenvolver um gosto particular pela pesquisa e pelo convívio com eles.

Foi através de meu desejo de conhecer a história da migração italiana local que entrei na vida de indivíduos que guardavam consigo a memória de gerações familiares. Muito aprendi com estes acerca do que é ser um bom descendente, uma boa mulher ou homem italiano, quais sentimentos se devem cultivar, quais atitudes se devem tomar e como a vida cotidiana apresentada nas narrativas era uma luta travada em muitos palcos e domínios. Interessante foi observar como as histórias do passado surgiam e eram narradas partindo de objetos guardados como relíquias familiares. Muitas vezes, com base em um livro, uma fotografia, uma reza, um santinho ou

um documento dos antigos a mim mostrado e comentado é que se refazia o passado.

Em cada visita efetuada a esses descendentes, muitos fatos da vida familiar me foram narrados tendo como fonte tais objetos, verdadeiros fios de ligação entre o seu mundo e o mundo das origens. Tive acesso a cartas, receitas, roupas dos antigos (especialmente roupas femininas), utensílios domésticos, móveis e uma infinidade de objetos considerados relíquias familiares, e por mim interpretados como portadores de uma certa sacralidade. Enfim, uma infinidade de pequenas e grandes coisas que permitiam a muitos desses descendentes se situarem no mundo. Ser descendente de italiano para essas pessoas era poder e, de certa forma, esforçar-se para preservar a memória dos antepassados, suas coisas e valores. Cultivá-los, cuidá-los e exibi-los era uma forma de expandir a força sagrada que neles existia. Força essa que não estava neles necessariamente, mas que, pelas narrativas, emprestavam sentido às suas próprias existências. Admirável era observar o zelo com que tratavam suas memórias tornando fatos não-tão belos em uma festa narrativa que exalava coragem, fé, empreendimento, amor familiar, respeito e sentido de vida. A sacralidade do *mundo dos antigos* construía-se a partir do colorido das lembranças reportadas por objetos do passado. Um passado que guardava seres, sentimentos e forças sociais que não existiriam mais a não ser na constante revitalização narrativa que o zelo a eles propiciava. De afetos e de objetos, inter cruzados entre si, esses descendentes me narravam suas existências e, no interior de suas redes familiares, permitiam a constante reatualização do mito de origem, assentado no processo de travessia oceânica até a atualidade.

Considerações finais

Considero que, no grupo por mim estudado, a reivindicação étnica e a construção de uma memória de descendentes de imigrantes italianos que desemboca na construção das trajetórias familiares, são também uma nova forma de vivência do sagrado e de encantamento do mundo. Isso porque o desvendar das memórias permite que construa uma trajetória de vida na qual o indivíduo percebe a si mesmo numa certa *durée*. Para além disso, compreendo que a reivindicação étnica permite que se extrapolem determinados sentimentos que não teriam voz noutra esfera de relações. A noção de pertencimento é, dessa forma, repleta de construções afetivas. Sentimentos esses que residem em memórias e que habitam em casas, fotografias, narrativas e objetos variados. Enfim, em coisas não-encontráveis no mundo cotidiano, mas que para ele se expandem. Algumas vezes, durante meu trabalho de campo, partindo de uma fotografia dos antigos, guardada em caixas de camisa ou sapatos, pelo zelo de homens e mulheres, é que toda uma trajetória de vida narrativamente se delineava. Ali, naquelas lembranças, residia algo de muito valioso: uma ordem de mundo, de afetos e valores que, quando narrados, assumiam uma aparência de continuidade repleta de sentido.

Compreendo que o interesse crescente que o desvendar das memórias familiares e étnicas tem despertado retira muita de sua força do fato de o indivíduo poder encontrar a si mesmo nessas construções narrativas e, baseado na noção de pertencimento, na valorização da cultura italiana e das *coisas dos antigos*, elevar sua auto-estima também. Isto porque existe acerca do

italiano todo um conjunto positivo de representações que o apresenta como pessoa ordeira, religiosa, apegada à família e trabalhadora, enfim há uma identidade positiva do descendente de italiano em nível local e regional. E, neste mercado de bens simbólicos locais, auto-atribuir-se italianidade significa agregar a si uma trajetória imigrantista considerada de sucesso.

Conforme Halbwachs (1990), a lembrança do passado é a vivência do passado no presente, e aquilo, que não é constantemente invocado ou partilhado, tende a se perder. Enfim, as memórias para sobreviverem, enquanto referência pessoal e grupal, necessitam de assentos, de lugares, de narradores e acima de tudo, de ouvintes que lhes dêem valor. Observei que o hábito de invocar a esses guardiões e ouvir suas histórias tem ocorrido em muitas famílias, inicialmente motivadas pela descoberta das origens, pela pesquisa documental para processos de dupla cidadania ou simplesmente pelo desejo de se conhecer como era o *tempo dos antigos*. Partindo de um lugar (real ou imaginário) ou de um objeto as trajetórias passam a ser narradas, considerando-se sempre que são construções e não necessariamente fatos historicamente comprováveis.

Constatei igualmente que, como entre muitos descendentes de italianos a vivência religiosa católica está enfraquecida, o zelo pela trajetória dos antepassados, suas conquistas e dificuldades tornaram-se uma forma de repassar valores às gerações mais novas. Valores, tais como: coragem para enfrentar adversidades, apego ao trabalho como forma de ascensão social, respeito à família e uma constante redefinição do italiano como grupo religioso, trabalhador e progressista. Dessa forma, possibilitar e reforçar a auto-identificação das gerações mais novas com esse ideário

é uma forma de transformar a origem num guia para a ação, permitindo uma filtragem entre o que é do *mundo dos antigos* para o que deve permanecer no mundo dos novos como sinais diacríticos da identidade étnica.

* *Maria Catarina Chitolina Zanini é Professora Adjunta da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM.*

NOTAS

1 - A noção de arquivo pessoal é inspirada em Philippe Arterières, para quem a organização e a prática de um arquivo pessoal permite aos indivíduos a construção de uma imagem para si mesmos e para os outros (1998:11) Inspirada nessa noção, considero arquivo pessoal toda a sorte de objetos e elementos utilizados na reconstrução narrativa das trajetórias de vida.

2 - Pesquisa realizada para minha tese de doutoramento em Antropologia Social na USP defendida no ano de 2002.

3 - Por *tempo dos antigos* denomino aquela noção temporal a partir da qual o descendente atual refaz comparativamente a sua trajetória de vida. Esse tempo pode ser referido como sendo há um século, duas gerações ou somente uma geração. Enfim, o tempo dos antigos é aquele tempo que serve de ruptura comparativa, ele é antes um tempo sentido, um tempo simbólico e demarcador de mundos do que um tempo cronologicamente datável.

4 - Para Bachelard, "longe de ser nosso bem essencial, a duração íntima é nossa obra e sempre tem a precedê-la uma ação centrada sobre um instante. É essa ação primitiva que inicialmente deve adaptar-se com maior ou menor exatidão às condições espaciais. Precisamos acoplar nosso tempo às coisas para que ele seja eficaz e real" (1994:42).

5 - Segundo Bachelard, a continuidade temporal é uma metáfora e o tempo só aparece como contínuo graças à superposição de muitos tempos independentes (1997:87).

6 - O nome é fictício.

7 - A *topoanálise* seria, conforme Bachelard, "o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima: "Nesse teatro do passado que é a

memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Por vezes, acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do ser, de um ser que não quer passar no tempo; que no próprio passado, quando sai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o vôo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. É essa a função do "espaço" (1996:28).

8 - Para Bachelard, "o devaneio tem mesmo um privilégio de autovalorização. Ele usufrui diretamente de seu ser. Então, os lugares onde se viveu o devaneio reconstituem-se por si mesmos num novo devaneio. É exatamente porque as lembranças das antigas moradas são revividas como devaneios que as moradas do passado são imperecíveis dentro de nós" (1996:26).

9 - Conforme Bachelard, "temos na memória microfílmes que só podem ser lidos quando recebem a luz viva da imaginação" (1996:181).

10 - Conforme Ricouer, "...o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal" (1994:15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARTERIÉRES, Philippe
(1998). Arquivar a própria vida. *Revista Estudos Históricos*, nº21, v.11, p.9-34.
- BACHELARD, Gaston
(1994) *A Dialética da Duração*. 2 ed. São Paulo, Ática.
- BACHELARD, Gaston
(1996) *A Poética do Espaço*. São Paulo, Martins Fontes.
- HALBWACHS, Maurice
(1990) *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Editora dos Tribunais.
- MAUSS, Marcel
(1974) *Sociologia e Antropologia*. Vol 1. São Paulo, EPU/EDUSP.
- RICOUER, Paul
(1994) *Tempo e Narrativa*. São Paulo, Papirus.